

ANDREU, Javier; Ozcáriz, Pablo; Mateo, Txaro, *Epigrafia romana de Santa Criz de Eslava (Eslava, Navarra)*, Faenza, Fratelli Lega Editori, Epigrafia e Antichità, 43, 2019, 187 pp. ISBN: 978-88-7594-140-6.

Santa Criz de Eslava corresponde a relevante arqueossítio localizado no termo municipal de Eslava (Navarra), ao qual anda associado um riquíssimo acervo epigráfico romano. O conhecimento dos cerca de 13 hectares de superfície que lhe correspondem é hoje apenas parcelar, ainda que com comprovação da existência de um fórum e de uma necrópole, apontando para uma capital de *ciuitas* com origem num *oppidum* pré-romano.

O estudo apresentado pelas mãos de três investigadores afiliados nas universidades de Navarra, Rey Juan Carlos e numa empresa privada de estudos arqueológicos inclui a epigrafia procedente da Santa Criz e a que, pela proximidade ao assentamento, consideram direta e indubitavelmente relacionada com este núcleo urbano.

A obra chama desde logo a atenção por ser referente a um conjunto epigráfico hispânico e surgir publicada na prestigiosa coleção *Epigrafia e Antichità*. Com 187 páginas, prologada por Carmen Castillo (p. 7-8), encontra-se estruturada em dois grandes apartados (p. 21-166) que são complementados pela bibliografia (p. 167-180) e pelos imprescindíveis índices epigráficos (p. 181-187), antecedendo-os a introdução (p. 9-20), onde se faz a contextualização do sítio e se historia a formação do repertório epigráfico apresentado.

O conhecimento do conjunto agora publicado tem a sua origem na segunda década do século 20 e foi largamente ampliado com os trabalhos de escavação arqueológica desenvolvidos a partir de 1997. Os dois grandes apartados do trabalho antes aludidos são precisamente dedicados às inscrições lapidares (honoríficas, arquitetónicas, votivas e funerárias) e aos grafitos (p. 21-84 e 85-166, respetivamente), apresentando ambos uma mesma numeração sequencial.

Apesar de na obra não se fazer referência à estrutura de apresentação de cada uma das epígrafes, ela é regular. Passa pela descrição do suporte e das características epigráficas de cada uma das inscrições, pela contextualização do achado e do paradeiro, antecedendo a transcrição dos textos, vindo depois, quando se justifica, a apresentação de variantes de leitura e a bibliografia atinente, para rematar com um comentário mais ou menos extenso de índole histórica.

Dentro do capítulo dedicado à epigrafia lapidária, os autores ordenam as peças em função da sua origem na sede de *ciuitas* (n^{os} 1 a 12) ou no

seu território (n^{os} 13 a 21), distinguindo na primeira, com ocupação entre o século I e seguramente o III, as oito peças recuperadas na área do fórum das quatro associadas à necrópole (uma estela, uma ara e dois fragmentos possivelmente de natureza arquitetónica) e organizando as restantes em função da sua adscrição toponímica.

Uma detalhada análise dos aspetos epigráficos e a procura de linhas definidoras de presumíveis oficinas que estarão por trás de algumas das inscrições, mas também a atenção dedicada a particularidades paleográficas e linguísticas, bem como à onomástica, tecem as considerações conclusivas referentes ao conjunto de vinte e uma peças (p. 77-84).

O predomínio de suportes que se destinavam a *monumenta* maiores e uma notável concentração de altares, que se destaca no panorama epigráfico dos *Vascones*, são aspetos sublinhados pelos autores. Apontam, o primeiro, no sentido da autorrepresentação por parte das elites locais por via do emprego monumental, algo com bom enquadramento regional. O segundo associam-no plausível influência de uma *officina* local, ou talvez – dizemos nós – de um horizonte epigráfico, mas que tipologicamente admitem poder sofrer influência da disseminação de *monumenta sepulchralia* em forma de altar com *puluini*, também presentes além-Pirenéus, donde terão inclusive chegado influências de carácter ornamental.

Um dos aspetos interessantes ao nível onomástico, para além de contados exemplos de mononímia tardia (n^{os} 10 e 18), é a presença de *cognomina* relacionados com o campo semântico da fauna (como *Vrsus*, *Vrsinus*) que é realçada por outras ocorrências regionais aí resenhadas. Igualmente a presença destacada de *Valerii* e *Cornelii*, também *Calpurnii*, a par de outros gentílios de clara influência latina, é realçável. A consideração do nome indígena *Araca* (n^o 17) como gentílico é aceite nos índices onomásticos (p. 181), mas não dando os autores destaque a esta opção na nota conclusiva. Será, neste caso, de ter em atenção a hipótese de se estar perante uma estrutura onomástica de duplo idionímico (*Araca Marcella*) associada a mulher de estatuto peregrino, como surge refletido em diversos exemplos da onomástica da área celtibérica¹.

Pelo inusitado no conjunto epigráfico em causa, será interessante referir as marcas de pedreiro (*notae lapidinarum*) associadas a pilar do criptopórtico forense (n^o 4), mas também o altar de El Solano de Aibar (n^o 21). No primeiro caso pelo carácter sibilino das marcas numéricas, plausíveis

¹ Navarro *et al.* 2011.

indicações práticas para a sequenciação em altura e quiçá assentamento dos quatro blocos que compõem aquele elemento. No segundo, o requinte e profusão ornamental da ara votiva, um dos dois testemunhos votivos relacionados com Júpiter neste contexto cívico.

O repertório de *tituli scariphati* está dividido entre grafitos parietais sobre pintura e grafitos sobre um tambor de coluna localizado no criptopórtico do *forum*, totalizando 107 referências. A primeira série divide-se em grafitos epigráficos (n^{os} 22 a 37) e grafitos figurativos, de temática antropomórfica (n^{os} 38 a 40), zoomórfica (n^{os} 41 a 50), fitomórfica (n^{os} 51 e 52) e de outros géneros (n^{os} 53 a 90). A segunda está separada em grafitos epigráficos (n^{os} 91 a 107), desenhos figurativos (n^{os} 108 a 120) e simples traços (n^{os} 121 a 128). Cada uma das séries é rematada por uma síntese analítica (p. 122-129 e 155-166, respetivamente).

Os grafitos sobre pintura são algo escasso no espaço hispânico, conforme os autores apontam e repertoriam, mas cujo potencial de crescimento está diretamente relacionado com o incremento de trabalhos arqueológicos associados a contextos edificados de época romana, ou também de um olhar mais focado, como o que, por exemplo, permitiu, em meridiano bem mais ocidental, descortinar o grafito parietal de *Conimbriga*², sendo que, por exemplo, na vizinha *Aeminium* há a registar uma cabeça esgrafitada associada ao espaço forense³.

São minoritários os grafitos epigráficos mais desenvolvidos e sempre afetados por incompletude, aspeto que acentua as dificuldades interpretativas já amiúde associadas ao *ductus*. A opção pelo topónimo *Roma* num dos fragmentos (n^o 26) atrai a atenção, afigurando-se algo inusitada quando não é seguro o número de letras em falta à esquerda das duas e meia conservadas e tão-pouco se equacionam possibilidades do foro antroponímico, de resto habituais, como neste conjunto se comprova. Apesar de não frequentes, poder-se-ia pensar em nomes como *Abrocoma* ou *Oeconoma*, presentes na *Hispania*, ou inclusive em nomes de origem grega como *Chalcoma*, *Axioma*, *Aroma*, por exemplo.

Merece-nos igualmente a atenção outro fragmento epigrafado (n^o 29), não pelo registo alfabético, mas pelo elemento iconográfico incompleto que comporta. Este é apresentado como possível barco ou equídeo, mas dando-se menor valor à segunda hipótese, ainda

² Fuchs *et al.*, no prelo.

³ Redentor 2016.

que possa equacionar-se uma esquematização da parte traseira de um zoomorfo, quiçá um cervídeo, considerando o delineamento das patas traseiras e da cauda, sendo que este tipo de zoomorfo tem representação nestes rebocos (n^{os} 38 e 43). Um destes (n.º 38) também acolhe uma das representações de antropomorfos mais interessantes, referente a dois músicos, hipoteticamente *tubicenes* associados a uma *venatio* que os autores associam aos *ludi* (p. 124-128). A composição também poderá simplesmente traduzir-se como referente a puro ato cinegético, considerando a possibilidade de uso de instrumentos musicais⁴, como o aulo e a trombeta, na caça aos cervídeos e inclusivamente ao javali, na técnica com chamariz ou possivelmente no processo de montaria. Neste fragmento, de um lado, há, como referido, traços do que parece ser uma armação de veado e, do outro, metade de um corpo de um mamífero feroz que a pelagem da linha dorsal e a posição das patas traseiras, bem como do rabo enrolado, nos sugerem tratar-se de um porco-bravo. A única representação zoomórfica que se conserva praticamente completa (nº 41) poderá figurar esquematicamente um bovídeo ou mesmo um cervídeo, como indicia a cornamenta e posição da cabeça.

Alguns destes grafitos, designadamente entre os iconográficos, poderão ter sido obras infantis olhando o carácter *naïf* da sua expressão, como o que se acaba de referir, mas a realidade é que a altura na parede é para este efeito um dado importante e não utilizável neste caso, não sendo possível uma posição concludente, como se reconhece no trabalho (p. 122).

Entre os grafitos do tambor de coluna apresentados são figurativos os mais interessantes, uma vez que os outros se reduzem maioritariamente a signos alfabéticos ou numéricos. A temática arquitetónica é particularmente chamativa, com mais de uma dezena de representações frontais de edifícios, esquemáticas, mas por vezes com pormenores que apontam para tipos específicos, como o bosquejo de acrotérios (nº 109 e 112) a lembrar fachadas de edifícios religiosos. À análise destas figurações é dada grande atenção por parte dos autores, chegando mesmo a sugerir (p. 165) que no conjunto de representações arquitetónicas haveria a tentativa de patentear esquematicamente uma cidade ou várias num determinado território, ao modo dos *itineraria picta*.

A encerrar a obra, a bibliografia, exaustiva e atualizada, e os índices epigráficos, os quais dão guarida à onomástica e a espetos diversos habi-

⁴ Aymard 1951.

tuais nestes róis, engrossados com um índice toponímico e as tábuas de correspondência bibliográfica.

Ao longo do volume detetam-se algumas inesperadas gralhas que sobreviveram ao rigor geral que perpassa ao longo do trabalho. Apesar deste perceptível registo de exigência, apreciam-se, todavia, uma imprevista imprecisão na referência ao bom estado de conservação de um altar (n.º 13) quebrado pelo meio do fuste e com outros danos ou outros aspetos menores decorrentes de hesitações de leitura (n.º 104). Reforçamos que são minudências que não beliscam o esforço sério de edição de um conjunto epigráfico muito particular e que passa agora a ter com este *corpus* uma referência bibliográfica incontornável, não só no respeitante aos espécimes lapidários, mas também ao conjunto de grafitos, que por si só serão doravante também de obrigatória menção na matéria, muito especialmente para o contexto hispânico.

Bibliografia

- Aymard, J. (1951), *Essai sur les chasses romaines des origines à la fin du siècle des Antonins (Cynegetica)*. Paris: Boccard.
- Fuchs, M. E., Redentor, A., Pessoa, M., & Sales, P. (no prelo), “Graffiti à Conimbriga”, in *Inscriptions mineures em miroir: textes, langues et supports*. Lausanne: Ductus.
- Navarro Caballero, M., Gorrochategui, J., & Vallejo, J. M. (2011), “*L’onomastique des Celtibères: de la dénomination indigène à la dénomination romaine*”, in M. Dondin-Payre (dir.), *Les noms de personnes dans l’Empire romain: transformations, adaptation, evolution*. Bordeaux: Ausonius, 89-174.
- Redentor, A. (2016) , “Sobre a epigrafia romana de *Aeminium*”, *Conimbriga* 55: 57-89.

ARMANDO REDENTOR

aredentor@gmail.com

Universidade de Coimbra, Centro de Estudos Interdisciplinares
da Universidade de Coimbra, FLUC-DHEEAA
<http://orcid.org/0000-0002-6459-3285>

https://doi.org/10.14195/2183-1718_77_11